

**Área:** Humanas.

**Título:** LINGUAGENS DEMOCRÁTICAS E CULTURA POLÍTICA

**Orientador:** RUBEM BARBOZA FILHO

**Autor:** RODRIGO TOLEDO TAFURI FERREIRA,

**Resumo:**

Em projeto anterior, e em publicações e artigos recentes, Barboza Filho (2008) vem sustentando a existência de três grandes linguagens bem compreendidas de construção do mundo moderno: a linguagem da razão, a linguagem do interesse e a linguagem dos afetos, ou dos sentimentos. Por linguagens bem compreendidas entendem-se aquelas que buscaram uma autocompreensão e uma autofundamentação democráticas, avalizando experiências ou movimentos históricos concretos. O autor defende que é possível a definição ideal-típica destas linguagens, considerando os seguintes elementos: a definição de pessoa humana, da natureza das relações entre os homens, dos modelos de perfeição individual e social, dos meios de realização desta perfeição, do Direito e do Estado, entre outros. A vigência histórica destas linguagens explicaria a diversidade característica do mundo ocidental a partir do início da modernidade, admitindo-se ainda a existência de variantes destas linguagens, caracterizadas pelos limites históricos e factuais por referência aos tipos ideais e ao seu movimento. Nesse sentido, Barboza Filho (2008) defende a hipótese da tradição ibérica e ibero-americana como variantes da linguagem dos sentimentos ou dos afetos, buscando estabelecer o potencial democrático característico da trajetória brasileira ou ibero-americana. Esta perspectiva associa as preocupações tradicionais do estudo da cultura política com as aquisições teóricas e metodológicas da “virada linguística” do século XX e com as ambições normativas presentes nas perspectivas que buscam renovar normativamente as nossas possibilidades de uma vida boa, no sentido clássico do termo. Tendo essas concepções em mente, utilizamo-nos de três autores centrais para desenvolver nossas explicações: Foucault, Bakhtin e Borges. Procuraremos mostrar que o Brasil não esteve submetido às linguagens da razão e do interesse, sendo que as linguagens tradicionais, especialmente a portuguesa, são aqui reinventadas, com base em analogias e semelhança, mas dando espaço para o surgimento de um modelo antropológico distinto tanto do europeu, como do africano ou indígena. Levaremos em consideração a ideia de que a subjetividade não constitui uma estrutura transcendental, sendo uma construção histórica, portanto, resultado da ação do homem sobre si mesmo, o que implica no fato de que as sensibilidades, as formas de conhecimento, não são a priori compartilháveis imutáveis: devemos fugir da noção de uma única subjetividade humana.